



virtualização do texto e da leitura¹

*Regina Ferreira Barra Tarocco**

Resumo

A virtualização do texto é hoje uma das principais modalidades de leitura e informação on line. O leitor tornou-se habitante ubíquo do ciberespaço, contribuindo para a atualização do texto e da leitura. Através do sistema das redes digitais suprimem-se as barreiras do tempo e espaço. O leitor pode interagir num novo universo de criação e de leitura de signos.

Os computadores, as redes digitais, a Internet estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano, interligando milhões de usuários no mundo todo. O constante desenvolvimento da tecnologia, dos equipamentos e programas informatizados faz com que seja possível, hoje, o usuário ter a sensação de estar em outra realidade, em uma realidade virtual, num espaço virtual.

Mas o que é o virtual? Trata-se de um alteração radical na forma de conceber o tempo, o espaço e as relações. A virtualização proposta por Pierre Lévy (1996)² exprime um busca pela hominização; enquanto tal ela não é

* Mestranda em Educação / UFJF; Professora de 1º e 2º graus do C.A. "João XXIII" / UFJF.

¹ O texto apresentado constitui parte do referencial teórico da dissertação "Leituras e Leitores: a Magia das Letras, Imagens e Vozes" - defendida em maio de 1999 pela autora.

² LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

boa, nem má, nem neutra, ela se apresenta como um movimento do 'devir outro' (ou heterogênese do humano), ela ultrapassa amplamente a informatização. O virtual pode ser definido como "um processo de transformação de um modo de ser num outro." (id. *ibid.*, p.12)

Há um engano na oposição que se faz entre real e virtual. No uso corrente, a palavra virtual é empregada para significar a ausência de uma existência e o real como uma presença tangível.

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes. (LÉVY, 1996, p.15)

Há também uma distinção entre possível e virtual. O possível é estático e já constituído como o real – só lhe falta a existência. A diferença entre possível e real é puramente lógica. Já o virtual não se opõe ao real, mas ao atual. O virtual é o complexo problemático de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, que é a atualização. A atualização é o processo de resolução, é a solução de um problema, é a criação de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades.

De acordo com LÉVY (1996), o real assemelha-se ao possível. O atual não se assemelha ao virtual, o atual responde ao virtual. Assim a realização é a ocorrência de um estado pré-definido; a atualização é a invenção de uma solução exigida por um complexo problemático; e a virtualização é o movimento inverso da atualização, isto é, consiste numa "elevação à potência" da entidade considerada.

Uma das principais modalidades do virtual é o desprendimento do aqui e agora. Por exemplo, um texto num papel, ocupando uma porção definida do espaço físico, passa a apresentar-se como atualização de um hipertexto de suporte informático, que ocupa "virtualmente" os pontos da rede ao qual está conectada a memória digital onde se inscreve seu código, podendo ser copiado em alguns segundos. Nessa era de informações on line, o hipertexto, desterritorializado, desprovido de inércia, habitante ubíquo do ciberespaço, contribui para produzir aqui e lá acontecimentos de atualização textual, de navegação e de leitura. Embora necessite de suportes físicos pesados para subsistir e atualizar-se, o hipertexto não possui um lugar.

SERRES (1994)³, o autor de Atlas, analisa o virtual como "não-presença", "fora-do-aí" e destaca a imaginação, a memória, o conhecimento e a religião

³ SERRES, Michel. Atlas. Paris: Julliard, 1994.

como vetores de virtualização que nos fizeram abandonar “a presença” muito antes da informatização e das redes digitais.

A virtualização reinventa uma cultura nômade, a partir da “não-presença”, se desterritorializa, separando quer seja uma pessoa, uma coletividade, uma informação, um ato – virtualizados – do espaço físico ou geográfico e da temporalidade do relógio e do calendário. O virtual não é imaginário, ele produz efeitos – um exemplo é a conversação telefônica, que permite a comunicação efetiva em espaço-tempo diferentes (ligação internacional do Brasil para o Japão). A virtualização evidencia a pluralidade dos tempos e dos espaços.

Diversos sistemas de registro e de transmissão (oral, escrita, audiovisual, redes digitais) constroem ritmos, velocidades, qualidades de história diferentes. A aceleração das comunicações e a multiplicação contemporânea dos espaços faz de nós nômades de um novo estilo: em vez de migrarmos dentro de uma extensão dada, saltamos de uma rede a outra, de um sistema de proximidade ao seguinte.

As coisas só têm limites claros no real. A virtualização, passagem à problemática, deslocamento do ser para a questão, é algo que necessariamente põe em causa a identidade clássica, pensamento apoiado em definições, determinações, exclusões, inclusões e terceiros excluídos. Por isso a virtualização é sempre heterogênea, devir outro, processo de acolhimento da alteridade. (LÉVY, 1996, p.25)

Os sistemas de telecomunicação virtualizam os sentidos, através de dispositivos de telepresença como o telefone (que transmite a própria voz à distância, estabelecendo a comunicação com o meu interlocutor) a televisão (pessoas que assistem aos programas de televisão compartilham do mesmo grande olho coletivo), a internet (proporciona a capacidade de quem a opera de ser ubíquo, conquistando novos espaços com mais velocidade), fazendo com que diversas pessoas possam compartilhar informações ao mesmo tempo em espaços diferentes.

As paisagens semânticas que um texto propõe, isto é, as diversas possibilidades de leitura, o leitor apreende de maneira criativa e singular. LÉVY (1996) aponta o trabalho da leitura como um ato de rasgar, de amarrotar, de torcer, de riscar, de dobrar (refletir sobre si mesmo), de recortar, de recosturar o texto para que se torne possível desdobrar o sentido. Portanto, “o espaço do sentido não preexiste à leitura. É ao percorrê-lo, ao cartografá-lo que o fabricamos, que o atualizamos.” (id. *ibid.*, p. 36)

Ao produzirmos a leitura de um texto, relacionamo-lo também a outros textos (discursos, imagens, afetos, desejos, e outros signos que nos constituem). A construção do texto e do leitor está sempre a refazer-se, pois é inacabada. O leitor na elaboração e direção de seu pensamento, pulveriza, corta e recorta, distribui e avalia o texto, segundo critérios de sua subjetividade.

O texto nos serve de interface conosco, é fonte de imagens, de ressonâncias, de representações e emoções que nos constituem. Olhar, escutar, sentir, ler, equivale a construir-se, a humanizar-se. O texto serve como um suporte para a atualização do nosso espaço mental.

Uma tecnologia intelectual quase sempre virtualiza uma função cognitiva. As relações entre a escrita (tecnologia intelectual) e a memória (função cognitiva) modificaram a ligação com o texto. A invenção da escrita acelerou o processo de *virtualização da memória*, fazendo-nos conceber a lembrança como um registro. A escrita como um dispositivo de comunicação permite que as mensagens, freqüentemente, estejam separadas no tempo e no espaço de sua fonte de emissão, e portanto podem ser recebidas fora do contexto em que foram produzidas. Em relação à leitura, foi necessário refinar as práticas interpretativas.

Nas sociedades cuja cultura se baseava na oralidade, o conhecimento e os valores sociais eram fundados na coletividade e essa sabedoria era transmitida de geração em geração, na interação social. Portanto, grande parte desse acervo cultural era preservado por meio das narrativas e rituais transmitidos pelos mais velhos aos mais jovens. Esses saberes narrativos (histórias) eram comunicados graças à memória social e individual. Nesse período em que predominava a linguagem oral, a palavra era o instrumento fundamental. Os sentidos são altamente desenvolvidos, até mesmo por uma questão de sobrevivência e interação com o meio. O tempo da oralidade primária é tratado de forma cíclica, conforme a própria natureza, considerada sagrada. A coletividade humana tinha uma identidade comum.

Posteriormente, com a invenção da escrita, e mais ainda com o alfabeto e a imprensa, os conhecimentos teóricos e hermenêuticos passaram a prevalecer sobre saberes narrativos e rituais das sociedades orais. A linguagem é inaugurada como um instrumento técnico, e a memória perde a necessidade de ser exercitada, uma vez que é possível confiar e consultar as escrituras por meio de sinais. A escrita vem de certa forma ampliar os poderes da memória - ela é capaz de fixar, registrar, marcar os acontecimentos da história. A racionalização implica a exigência de uma verdade universal, objetiva e crítica. Há a dessacralização da natureza. O tempo assume uma característica linear, devido à substituição da memória natural por um novo tipo de experiência do homem com sua história. O saber pode ser consultado, a memória separa-se do sujeito. A escrita faz a cisão entre a tradição oral e a memória. O processo civilizatório revela-se como um jogo de perdas e ganhos.

Na contemporaneidade realizamos correspondências on line e eletrônicas, correndo em redes; textos dinâmicos, desterritorializados, mergulhados no ciberespaço (passíveis de navegação), reconstituem de outro modo e numa escala infinitamente superior, a presença da mensagem e de seu contexto vivo que caracterizam a comunicação oral. Novamente os critérios mudam. Tempo de informatização: afastamento radical da memória natural; a memória se automatiza, tornando-se distante do indivíduo e dos hábitos coletivos. A

“verdade” deixa de ser “absoluta e fundamental”. A mídia nos introduz num novo conceito de tempo – a simultaneidade. Suprimem-se as barreiras do tempo e espaço, o tempo é o agora o que importa, é o presente imediato. Busca-se avidamente a eternização do presente (o elixir da juventude). A utopia é privatizada, resume-se ao êxito pessoal, ao prazer instantâneo (poder, riqueza, projeção pessoal, acesso ao consumo, conforto, luxo).

Vivemos um período caracterizado pelo forte apelo da imagem. Esta é “basicamente uma síntese que oferece traços, cores e outros elementos visuais em simultaneidade” (NEIVA JR., 1994, p.5)⁴. A imagem e o discurso têm em comum a união indissolúvel de expressão e conteúdo. A imagem representa, pois tem a capacidade de referência, que é uma propriedade lingüística. Assim, o mundo sensível pode ser representado na maior diversidade, devido à pluralidade de pontos de vista. “Consumidores de imagens” (JOLY, 1998, p.9)⁵ que somos, comunicamos e transmitimos mensagens por todas as espécies de meios de expressão visual: a fotografia, a pintura, o desenho, a gravura, entre outras, consideradas imagens. Fazemos parte dessa civilização imagética, de leitores e lugares virtuais. E com a chegada do século XXI a corrida será pela excelência e vencerá quem for melhor leitor!

Hoje o novo texto que se nos apresenta tem características técnicas que convém precisar. De acordo com LÉVY (1996), o leitor de um livro ou de um texto impresso no papel se confronta com um objeto físico sobre o qual ele pode anotar nas margens, fotocopiar, recortar, fazer montagens, pois o texto está realizado por completo. Na leitura em tela, o suporte digital (disquete, disco rígido, disco ótico) não contém um texto legível, mas uma série de códigos informáticos que serão eventualmente traduzidos por um computador em sinais alfabéticos para um dispositivo de apresentação. Assim a tela apresenta-se como uma janela que poderá ser aberta e a partir da qual o leitor pode explorar uma reserva potencial de dados, informações e outros recursos.

O computador é um instrumento de grande fecundidade cultural, porque permite novos tipos de leituras e de escritas particulares e coletivas. O conjunto de textos e imagens, que permitem ao leitor interagir com um computador a partir de uma matriz digital, torna-o capaz de penetrar num novo universo de criação e de leitura de signos.

A tela informática é um nova ferramenta de ler, o lugar onde uma reserva de informação possível vem se realizar por seleção, por uma montagem singular, para um leitor particular. Por isso, “o leitor em tela é mais “ativo” que o leitor em papel: ler em tela é, antes mesmo de interpretar, enviar um comando a um computador para que projete esta ou aquela realização parcial do texto sobre uma pequena superfície luminosa.” (LÉVY, 1996, p.40). O hipertexto pode-se definir como um espaço de percursos de leituras possíveis e essa prática encontra-se em pleno desenvolvimento na Internet.

⁴ NEIVA JR., Eduardo. *A Imagem*. São Paulo: Ática, 1994.

⁵ JOLY, Martine. *Introdução à Análise da Imagem*. Campinas: Papirus, 1998.

A interpretação, isto é, a produção do sentido, a partir de então, não remete mais exclusivamente à interioridade de uma intenção, mas antes à apropriação sempre singular de um leitor/autor ou navegador. Graças à digitalização, o texto e a leitura receberam hoje um novo impulso e uma profunda mutação.

Referências Bibliográficas

- JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. Campinas: Papirus, 1998.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.
- NEIVA FILHO, Eduardo. **A Imagem**. São Paulo: Ática, 1994.
- SERRES, Michel. **Atlas**. Paris: Julliard, 1994.